

# Escavações no Campo das Cebolas revelam muro e escadas do séc. XVIII

Neste ponto da frente ribeirinha de Lisboa foram também descobertos “restos das paredes, muito destruídas”, do Forte da Ribeira. O subsolo escondia ainda cerâmicas italianas e sementes

**Arqueologia**  
Inês Boaventura

As sondagens arqueológicas já tinham confirmado que sob o Campo das Cebolas se escondia uma estrutura portuária, integrada no plano de reconstrução de Lisboa depois do terramoto de 1755. Mas agora que o local está em obras, o Cais da Ribeira Velha, com o seu paredão e a escadaria através da qual se chegava ao rio, está finalmente visível, depois de mais de um século e meio enterrado.

No Campo das Cebolas estão em curso duas obras: uma de requalificação do espaço público e outra de construção de um parque de estacionamento subterrâneo, com capacidade para cerca de 200 viaturas. Os projectos em execução são da autoria do arquitecto João Luís Carrilho da Graça e os trabalhos, com um custo global de 12 milhões de euros e conclusão prevista para Março de 2017, estão a cargo da Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento de Lisboa (Emel).

Neste momento, decorrem no local as escavações com vista à construção do parque e os trabalhos de desvio de infra-estruturas, como explica o arquitecto Filipe Homem, que integra a equipa de Carrilho da Graça. Em paralelo decorrem também os trabalhos arqueológicos que, nesta fase, envolvem perto de 50 pessoas e que deverão prolongar-se até ao Verão.

Quem por estes dias visitar a obra poderá ver o paredão do Cais da Ribeira Velha, erguido no local depois do terramoto de 1755. Visíveis estão também as escadas que permitiam o acesso ao rio Tejo e aos barcos que nele se encontravam.

“O paredão está em óptimo estado. Esperávamos encontrá-lo, mas surpreendeu-nos o bom estado”, diz uma das directoras científicas das escavações, durante uma visita do PÚBLICO ao Campo das Cebolas. Inês Simão acrescenta que, apesar de ser certo que esta estrutura portuária remonta ao século XVIII, existe ainda a “dúvida” sobre se na sua construção foram usados elementos de um mu-

ro anterior, que “aparece nalguma cartografia do século XVII”.

Filipe Homem frisa que uma parte do muro será incluída no parque de estacionamento, ficando visível para aqueles que o utilizarem. O restante, diz, será “cuidadosamente desmontado”, podendo as pedras ser “reaproveitadas” para preencher espaços onde elas estejam em falta ou para integrar “pavimentos e muros” à superfície, no âmbito do projecto de requalificação do espaço público.

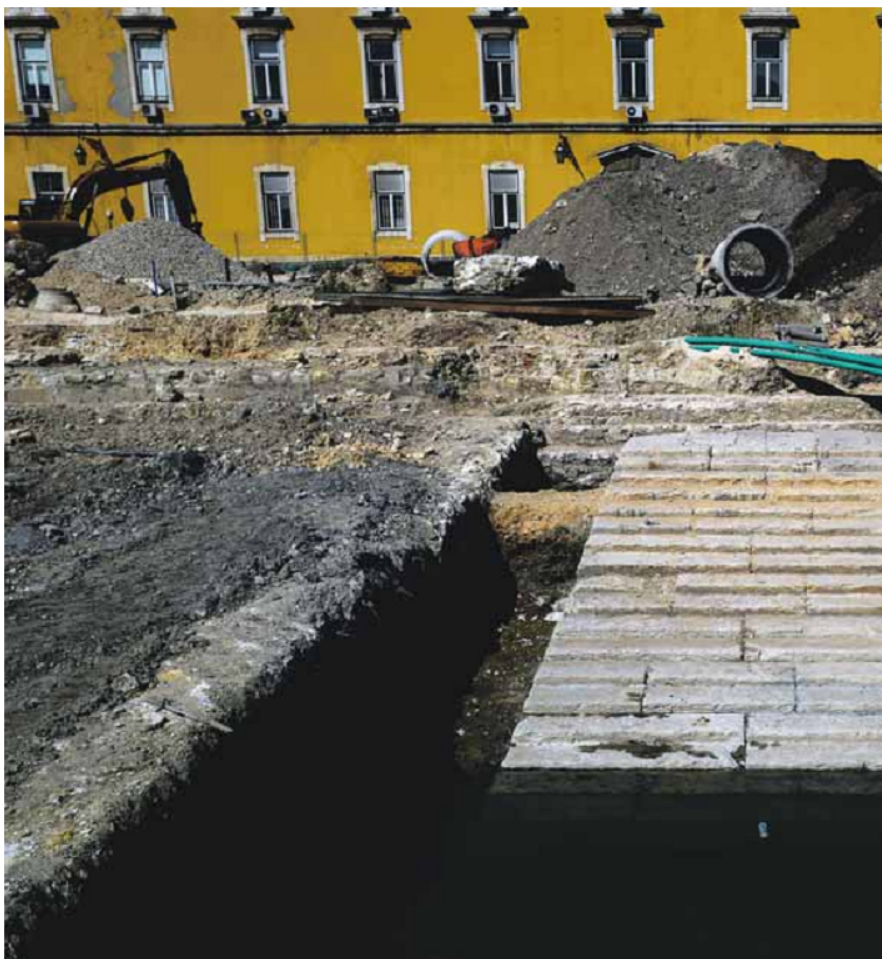
Questionado sobre o futuro dos degraus em pedra, o arquitecto adianta que “a intenção” é que também eles sejam reaproveitados. Como estava já prevista a existência de um acesso ao parque de estacionamento no local onde o achado foi feito, Filipe Homem admite que no futuro os automobilistas venham a ter o privilégio de pisar uma escadaria do século XVIII para chegar à sua viatura ou para aceder ao exterior.

Além destes elementos, os trabalhos arqueológicos revelaram parte das paredes de alguns edifícios pós-terramoto e as suas fundações, em madeira. Junto a um tanque com água, no interior do qual foi depositada essa “estacaria pombalina”, Inês Simão explica que ela provém de “edifícios de alfândega e de armazém”, que existiam na área que hoje conhecemos como Campo das Cebolas e que na altura tinha a designação de Ver-o-Peso.

Também em frente à Casa dos Bicos foram encontradas marcas da reconstrução de Lisboa depois do terramoto, mas de natureza distinta. Aqui, nota a responsável da empresa ERA – Arqueologia, ficava um quarteirão residencial, conhecido como Terreiro das Farinhas.

Associada à Casa dos Bicos há mais uma história para contar: durante os trabalhos os arqueólogos depararam-se com uma pedra que fazia parte do edifício. Essa pedra, concluíram, é testemunho da história do imóvel, cujos dois andares de cima ruíram com o terramoto de 1755 e foram mais tarde reconstruídos.

Num outro nível de escavação, os arqueólogos encontraram “algumas estruturas” relativas a uma ocupa-



ção anterior, que remonta ao século XVII. Segundo Inês Simão, os achados incluem “calçadas” e “pilares onde assentavam as barracas” de venda do então existente Mercado da Ribeira Velha.

Entre aquilo que foi posto a descoberto pelas escavações estão ainda “restos das paredes, muito destruídas”, daquilo que se pensa ser o Forte da Ribeira, uma estrutura que surgia identificada em cartografia do século XVII. Inês Simão nota que este não era “um forte de grande dimensão”, mas sim “um pequeno forte, de apoio à alfândega”. Segundo transmitiu ao PÚBLICO a Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), esta construção “pode estar relacionada com a Guerra

**Foram expostos o paredão e a escadaria do Cais da Ribeira Velha. Em baixo, um fragmento de garrafa do séc. XVI ou XV**



da Restauração, entre 1640 e 1668”.

Finalmente, por baixo de tudo isso, escondiam-se aqueles que, pelo menos até agora, foram os mais antigos vestígios revelados no Campo das Cebolas. Em causa estão “cerâmicas, faiança e porcelanas” de diferentes proveniências, datadas dos séculos XVI e XV.

#### **Zona de lixo**

“Está tudo muito fragmentado. As coisas não vêm inteiras”, constata a directora científica das escavações, explicando que isso acontece porque naquela época esta era “uma zona de lixo, de aterro”, na qual não havia construções. Ainda assim, Inês Simão sublinha a importância do achado, frisando que a “grande

quantidade de material” recuperado “vai dar um nível de informação muito grande”.

Entre esse material, detalha, há cerâmicas italianas do século XVI (designadas por “majólicas”), porcelanas chinesas e peças de faiança, de Sevilha e nacionais. Ao PÚBLICO, a arqueóloga mostra alguns dos achados, retirando-os por instantes dos sacos individuais e devidamente etiquetados em que estão guardados: um fragmento de uma garrafa trabalhada, um pedaço de um cachimbo e um apito de água em forma de cavalo, além de vários cacos de cerâmica pintada.

Também encontrados, conta, foram “alguns vestígios do que seria a alimentação” da época, como “se-

mentes, cascas de coco, amêndoas e ossos de animais”.

E que mais poderá o Campo das Cebolas esconder, que os trabalhos arqueológicos em curso não tenham ainda revelado? “Não é expectável haver grandes surpresas, mas nunca se sabe. Em arqueologia, às vezes...”, responde Inês Simão. Mas não há novas frentes de trabalho por estrear.

Ao contrário do que sucede em muitas escavações arqueológicas, estas têm tido uma significativa divulgação pública. No *site* da Emel, por exemplo, têm vindo a ser publicadas pequenas notícias sobre o tema. Já no Facebook da Era há vários vídeos nos quais se dão a conhecer as descobertas feitas no Campo das Cebolas.

Além disso, a Emel dispôs-se a promover, entre 29 de Abril e 9 de Junho, visitas ao local abertas ao público. Nas duas que já tiveram lugar, Inês Simão, que reconhece que esta não é uma iniciativa “comum”, encontrou “pessoas com muita curiosidade, que têm visto os vídeos e que fazem muitas perguntas”.

A participação nestas visitas requer inscrição prévia. “Estamos a ponderar aumentar o número de visitas ou torná-las semanais, já que a lista de inscritos excede o calendário estabelecido”, diz ao PÚBLICO a directora de Institucionais e Cidadania da Emel, Helena Carvalho.

Em resposta a perguntas do PÚBLICO, a DGPC sublinha que, graças a “uma inédita articulação” com a equipa do arquitecto Carrilho da Graça e com a Emel, “houve um cuidado especial no caderno de encargos para as obrigações da equipa de arqueologia promover acções e preparar conteúdos científicos ajustados à divulgação generalista junto dos cidadãos”.

Quanto ao património encontrado no Campo das Cebolas, a direcção geral constata que o resultado das escavações em curso “confirmou as várias estruturas que já eram conhecidas das fontes históricas e que foram identificadas no âmbito dos trabalhos iniciais de avaliação e diagnóstico arqueológico”.

Finalmente, em relação ao que ainda pode estar por descobrir no Campo das Cebolas, a DGPC afirma que “a continuação dos trabalhos arqueológicos irá sempre contribuir para a identificação de elementos e contextos que são fundamentais para a compreensão da história da cidade”. Entre eles, revela, poderá estar “património arqueológico náutico e subaquático”.